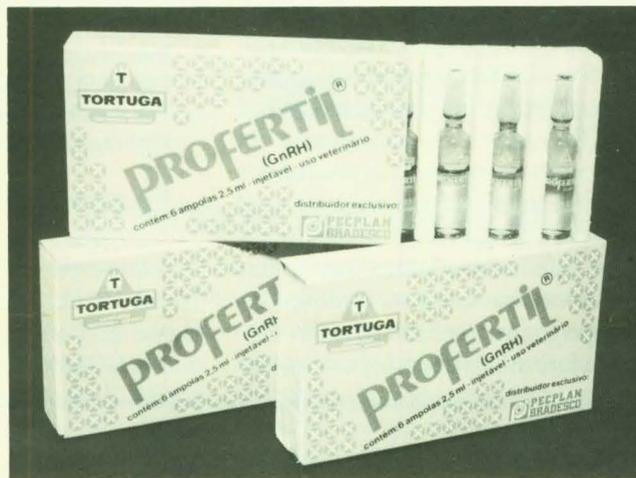


NOTICIÁRIO

TORTUGA

ANO 36 – Nº 369 – MAR/AGO 1990

Tortuga e Pecplan se unem para a distribuição do Profertil



A Tortuga acaba de assinar um contrato de cooperação comercial com a Pecplan Bradesco, uma das mais importantes centrais de inseminação artificial do país, visando o lançamento do Profertil, produto chave para o aumento da fertilidade bovina. Formulado pela Tortuga a partir de matéria-prima importada do Japão, Profertil será distribuído com exclusividade pela Pecplan em todo o território nacional.

Na assinatura do contrato a Tortuga foi representada por Luiz Carlos Gallotti Bayer, diretor superintendente, e a Pecplan por Helio Dias Santos Duarte, diretor comercial.

Tendo como estrutura química o GnRH, hormônio liberador da gonadotropina, muito usado na medicina

humana e mais recentemente na veterinária, Profertil quando empregado na inseminação artificial promove a ovulação até 24 horas após sua aplicação, elevando consideravelmente a taxa de concepção.

A ação terapêutica do Profertil, que deve ser aplicado via parenteral (intramuscular, subcutânea ou intravenosa) estende-se ainda nos casos de tratamento de cistos ovários foliculares e do anestro pós-parto, principal causa da baixa produtividade do nosso rebanho. Pesquisas revelaram que 100% das vacas envolvidas no experimento apresentaram cio nos trinta dias seguintes à aplicação do Profertil, que vem apresentado em caixas com seis ampolas de 2,5 ml cada uma.

**A dupla
premição
da Tortuga**

Mais dois prêmios passam para a história da Tortuga. Pela quarta vez a revista Exame, da Editora Abril, elegeu-a como a melhor empresa do setor farmacêutico de 89. A outra premiação foi concedida pela revista A Granja, que atribuiu pela segunda vez à Tortuga o título de Destaque do Ano, após ter promovido pesquisa junto a seus leitores para escolher as empresas mais representativas de cada segmento agropecuário.

A era do confinamento

"Infelizmente não recebo o Noticiário Tortuga, mas de posse da última edição, pertencente a um colega zootecnista como eu, gostei muito da matéria" "A era do confinamento já chegou", de Luis Carlos Tayarol Martin. Ele deixa bem claro que o principal entrave é o baixo poder aquisitivo dos consumidores brasileiros.

Além disso, acho que é de grande importância para o progresso do confinamento no Brasil uma real tipificação de carcaça, que não é feita aqui, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, valorizando o animal confinado em comparação com vacadas velhas. A inexistência da tipificação desestimula o produtor a investir alto no confinamento, o qual acaba vendendo carne de alta qualidade pelo mesmo preço que os das carnes inferiores, que são produzidas com pouco ou nenhum gasto.

Gostaria finalmente de parabenizá-

los pelo excelente trabalho de divulgação e informação realizado pela Tortuga, que atinge diretamente a quem interessa, que são os técnicos e produtores".

Roberto Mascarenhas Ribeiro
Uberaba, MG

Agradecimento da Embrapa

"Pela presente quero expressar meu contentamento ao agradecer a colaboração dada pela Tortuga ao Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte/Embrapa, ao co-patrocinar a impressão de folder de lançamento do capim Potiporã. Sabedor do incentivo que a Tortuga dá às pesquisas agropecuárias em Mato Grosso do Sul, gostaria de ver esse mesmo exemplo seguido por outras tantas empresas do ramo"

Renato Garcia Leoni
Chefe do Setor de Difusão e Transferência de Tecnologia
Embrapa, Campo Grande, MS

Enorme tristeza

"Não deixa de ser com enorme tristeza que escrevo em virtude do falecimento do Dr. Fabiano Fabiani, presidente da Tortuga, que durante toda sua vida dedicou-se a pecuária e agri-

cultura. Resta-nos o consolo de seu exemplo para o desenvolvimento de nosso campo. Espero que mesmo com o desaparecimento do Dr. Fabiano a Tortuga continue a crescer e produzir bons frutos, como sempre o fez!

Acredito na Tortuga, pois é uma empresa séria que não coloca qualquer produto no mercado. Escrevo também para pedir um catálogo de toda sua linha de medicamentos, já que não conheço todos eles. Sempre dei preferência pelo Bovigold e Tira-Berne. Aproveito ainda para sugerir que do lançamento de novos produtos, a Tortuga remeta a todos seus clientes os prospectos dos mesmos"

Marco Antonio de Lima
Carmo de Cachoeira, MG

Divulgação do Árabe

"Vimos manifestar nossa satisfação pela excelente reportagem sobre o Cavalo Árabe, inserida no Noticiário Tortuga nº 368, esperando continuar contando com o apoio desse valioso e importante veículo de informação para a divulgação da raça Árabe."

Cid Guardia
Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Árabe
Presidente



ADMINISTRAÇÃO CENTRAL

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1409 - 13º e 14º - CEP 01451 - Ed. Parque Iguatemi - Tel.: (011) 814-6122
Telex: 11 83270 TCZA BR - Cx. Postal 20890, São Paulo, SP.

UNIDADES INDUSTRIAIS

São Paulo: Rua Centro Africana, 219 - Santo Amaro - CEP 04730 - Tel.: (011) 247-3777 - Cx. Postal 12635

Mairinque: Av. Alberto Cocozza, 3000 - Bairro Goianã - CEP 18120 - Tel.: (011) 428-3433

Bagé: Av. Santa Tecla, 2780 - Bairro Industrial I - CEP 96400 - Tel.: (0532) 42-5733 - Telex: 53 2566 CGRP BR

FILIAIS

São Paulo: Rua Centro Africana, 219 - Santo Amaro - CEP 04730 - Tel.: (011) 247-3777 - Cx. Postal 12635
Telex: 11 83270 TCZA BR

Campo Grande: Rua Ceará, 1322 - CEP 79040 - Tels.: (067) 383-6425 - 383-6762

Porto Alegre: Rua Almirante Barroso, 735 - conj. 703, 7º andar - CEP 90220 - Tel.: (0512) 22-6744 - Telex: 51 2494 TCZA BR - Cx. Postal 3084

Chapecó: Rua Fernando Machado, 1907 D - CEP 89800 - Tel.: (0497) 22-2882

Goianã: Av. Perimetral Norte, 1636 Setor B - Capuava - CEP 75710 - Tels.: (062) 271-1480 - 271-1600 - 271-1713
Telex: 62 2381 TCZA BR

Cuiabá: Rua 57, Nº 92 - Bairro Coxipó - CEP 78100 - Tels.: (065) 361-4771 - 361-4280

ESCRITÓRIOS

Rio de Janeiro: Av. 13 de Maio, 41 - 18º andar - CEP 20031 - Tels.: (021) 220-0787 - 220-0287 - Telex: 21 31052 TCZA BR

NOTICIÁRIO TORTUGA

Editor
João Castanho Dias
MTPS 8518
Circulação
Francisca Suriano Silva
Arte
Wilson Camargo Filho
José Luis de Freitas
Fotografias
Walter Simões
Tiragem
100 mil exemplares
Redação
Av. Brig. Faria Lima
1409 — 13º andar
Cep 01451 — São Paulo
Fone: 814-6122

O Noticiário Tortuga é publicação oficial da Tortuga Cia Zootécnica Agrária de periodicidade bimestral

Fotolito e Impressão:



Tel. 826-2100-SP

Composição e Paginação:
Paper Express 284-2355

Quase no pico da década

O quadro ao lado mostra que em julho último a cotação da arroba do boi gordo, calculada com base no preço médio do dólar oficial, foi uma das melhores desde 1980. Refletindo um inverno ameno, que favoreceu a retenção do boi nas pastagens, em julho passado a arroba atingiu o preço de 35,57 dólares, posicionando-se como a terceira maior da década. No mesmo período a maior cotação foi conseguida em dezembro de 86 (41,13 dólares), vindo em seguida a de junho de 89, com US\$ 38,65.

PREÇOS DO BOI GORDO

dólares por arroba

	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
JAN	25.11	24.79	19.04	16.13	20.09	16.41	18.94	28.81	14.22	19.84	31.02
FEV	24.36	23.48	17.37	14.18	19.04	13.31	16.61	24.84	15.36	20.00	29.02
MAR	22.36	22.33	16.40	12.42	17.02	13.21	15.17	18.19	18.67	23.00	23.81
ABR	22.18	20.94	16.09	14.82	15.86	11.68	15.54	27.45	16.02	24.65	20.90
MAI	22.22	19.99	16.40	14.19	18.66	10.55	15.54	19.37	13.22	31.83	23.99
JUN	22.11	18.11	16.41	13.60	18.23	9.08	17.34	19.01	21.26	38.65	31.56
JUL	23.65	18.03	20.54	16.58	19.27	17.68	20.23	18.91	23.09	28.99	35.57
AGO	25.20	18.45	20.50	17.13	20.07	19.38	26.73	20.17	22.37	33.19	
SET	25.15	20.75	20.08	22.04	24.97	20.10	20.23	20.07	24.66	27.77	
OUT	28.86	21.09	18.82	21.76	22.43	26.89	24.13	23.44	23.00	24.52	
NOV	28.33	21.74	17.68	20.35	20.22	25.80	31.90	22.78	28.43	25.81	
DEZ	25.78	20.14	16.78	19.04	18.27	23.12	41.13	17.65	25.23	24.33	

Fonte: Divisão de Sistemas da Tortuga

Abate didático

A casa/stand que a Tortuga mantém permanentemente no Parque de Exposições Laucídio Coelho, em Campo Grande, MS, mais uma vez receberá de seus clientes e amigos durante a 2ª Expocentro Brasileira de Cruzamento Industrial e 19ª Expoleite, promovidas pela Acrissul, presidida por Laucídio Coelho Neto. Os eventos serão realizados de 29 de setembro a 7 de outubro, contando com leilões de raças européias, cruzamentos, Nelore e de equinos.

Além de debates com especialistas sobre os cruzamentos industriais, os participantes terão a oportunidade de assistir uma matança técnica para conhecimento dos locais ideais de corte que permitam melhor aproveitamento da carne e rendimento da carcaça. Órgãos oficiais de pesquisa estarão presentes no Pavilhão Nacional de Agricultura, como é o caso da Embrapa, Empaer, Agrossul, Iagro e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.



A Revoada dos campeões

Um a um eles foram chegando ao aeroporto de Cumbica. Uns partiram da fronteira gaúcha, outros do sertão baiano. No começo de julho juntaram-se em São Paulo quarenta representantes da Tortuga de dez estados. Durante dois dias desfrutaram os prazeres da noite paulistana, visitaram a administração central, as duas fábricas da empresa e receberam os cumprimentos de toda diretoria. Na volta a mala ficou um pouco mais pesada: troféus de campeões de vendas de minerais da Tortuga!



A força de um clã

Os irmãos Bataglini apostaram no frango, porco e boi e hoje colhem os frutos de uma audácia bem dosada.



Marcos, Eduardo e Cidinei Bataglini embicam a proa para frente

“Trabalho, trabalho, trabalho”, repetiu pausadamente Marcos Bataglini. Sem desgrudar do telefone, ao mesmo tempo ia explicando o porquê do notável crescimento do Grupo Agropecuário Maristela Ltda, comandada por ele e mais os irmãos Cidinei e Eduardo, que ainda não passaram dos trinta anos. Trabalho, juventude e boa dose de audácia foram a receita para que a empresa chegasse ao topo da avicultura paulista em menos de dez anos.

Até 1983 os irmãos Bataglini eram sócios do pai, Isaias Bataglini, numa pequena granja de aves e suínos e num abatedouro, que operava em pequena escala. A partir daquele ano a sociedade foi desfeita e o trio entrou timidamente no negócio da integração:

apenas três granjeiros e oito mil aves. Com os ventos a favor, um ano depois uniram-se a dois tios e compraram o abatedouro Dacar, em Tietê, SP, com capacidade para 1 mil frangos/hora.

A partir daí o empreendimento não parou mais de crescer. O grande impulso foi dado em 1986 pelo Plano Cruzado, se bem que a crise de 87 colocou um pouco de água fria nas operações. “Fomos um pouco aos bancos, reduzimos a máquina e conseguimos sobreviver”, argumenta Marcos Bataglini. Veio o Plano Brasil Novo, o consumo de carne de frango e de porco aumentou e, nesse clima, o grupo Maristela embicou a proa para a frente.

Detendo quase 3% do total dos frangos alojados em São Paulo, a em-

presa situa-se hoje entre as dez maiores do Estado e da região onde está instalada (eixo da rodovia Marechal Rondon, abrangendo os municípios de Tietê, Laranjal Paulista, Conchas, Pereiras e Cesário Lange) é dona de primeiro lugar. Daquele passado modesto, o progresso foi vertiginoso: são 130 granjas integradas e 1,2 milhão de aves alojadas, já incluídas as 120 mil próprias.

O abatedouro Dacar andou no mesmo ritmo e sua capacidade operacional foi ampliada para 50 mil frangos/dia, destinados ao mercado de São Paulo e de toda região num raio de 150 km. Por enquanto a exportação está fora de cogitação do grupo Maristela, “já que não estamos dando conta nem do abastecimento interno”, explica Marcos Bataglini. A antiga fábrica de ração também ficou pequena e uma segunda para 25 toneladas/hora está quase pronta, representando um investimento de Cr\$100 milhões, sendo 60% financiados pelo BNDES.

Fazem dois anos que o grupo Maristela fechou com a Tortuga no que se refere ao fornecimento de premix. Segundo Carlos Alberto Rossi, gerente agrícola da empresa, “fizemos um teste com os produtos da Tortuga em 50 mil aves e mediante os bons resultados, que ficaram acima da média, hoje estamos 100% juntos”. Salientando ainda os bons serviços prestados pelos técnicos da Tortuga, Rossi dá os indicadores médios de 600 mil aves: conversão alimentar 2,04; ganho de peso dia 46,1g; mortalidade 3,7%; idade média de abate 45,8 dias; frango acabado 2,112kg e fator de produção 218.

Segundo ele, “esses números, considerados um dos melhores do Estado de São Paulo, se não for o melhor, é devido ao bom manejo, excelentes produtos e orientação de primeira linha pela Tortuga”. Rossi fala ainda do pioneirismo na região do grupo Maristela no uso de rações de quatro fases (pré-inicial, inicial, engorda e acabamento) e na formulação de rações com gordura animal, o óleo de frango, para aumentar a energia.

Supervisionando os trabalhos de campo dos quatro técnicos da empresa, o tráfego dos cinco caminhões graneleiros, o controle de qualidade das rações, a compra de matérias-primas, Rossi, 25 anos, técnico de agropecuária, discorre sobre dois testes que estão sendo efetuados. Um é a colocação de 15 aves/m², quando o normal é 13, como decorrência da excelente idade média de abate, e a reutilização da cama dos aviários por várias vezes, após desinfecção geral e queima das penas. O resultado conseguidos são excelentes, assegurada.

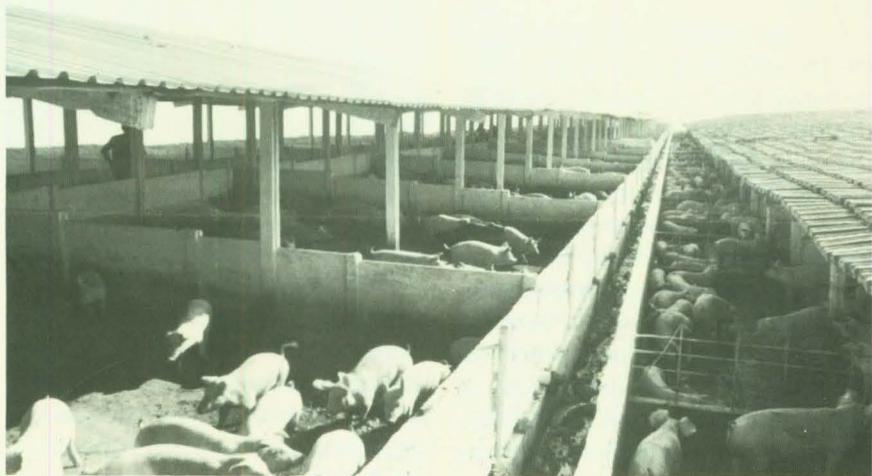
“Na atual conjuntura instável do país é difícil falar em projetos para o futuro, mas se tudo continuar indo bem como está, o plano é chegar aos 3 milhões de frangos alojados”, prevê Marcos Bataglini. Dependendo de seis fornecedores de pintinhos, ele admite que mais para frente o grupo Maristela poderá construir seu próprio incubatório. As linhagens usadas pelo integradores, que possuem um plantel médio de 12 mil aves, são a Arbor Acres (40%) e Hubbard (60%).

Informando que o carro chefe do grupo Maristela é o frango integrado, que garante 50% do faturamento, Marcos Bataglini deixa transparecer seu otimismo também em relação a suinocultura, outra atividade desenvolvida pela empresa, por enquanto apenas na fase de engorda, com 8 mil animais da raça Landrace e Large White. “Queremos formar um rebanho de 20 mil porcos gordos, usando nossos próprios leitões”. Para isso, ele já está tomando as providências para criar 2 mil matrizes.

Procurando incentivar desde já os integradores de frangos para passar também para o porco integrado (a Tortuga também dá toda assistência na suinocultura), Marcos Bataglini informa que a pecuária de corte é mais uma exploração tocada pelo clã em suas três fazendas da região, num total de 726 ha, onde são criadas e engordadas 1.500 cabeças de gado Nelore. A cria é no campo e a engorda no confinamento.



O grupo Maristela opera com 1,2 milhão de aves alojadas e 130 granjas integradas



“Queremos formar um plantel de 20 mil porcos gordos com 2 mil matrizes”



O gerente Carlos Rossi e a nova fábrica de ração para 25 toneladas/hora

Agora ficou mais fácil aumentar a fertilidade das vacas

No Brasil é muito difícil uma vaca dar cria todo ano. Fatores internos e externos influenciam seu delicado sistema reprodutivo para que isto não aconteça. Mas já está no mercado um produto que pode realizar esse velho sonho de todo criador. Texto do professor Oswaldo Garcia

A pecuária bovina no Brasil mostra índices de eficiência bastante baixos quando comparados à pecuária de outros países, como Argentina, Estados Unidos... Vários parâmetros são usados para medir esta eficiência, como por exemplo, a idade e peso de abate, idade da puberdade, primeira cria, etc.

No caso específico da reprodução, o intervalo entre partos é o que confere maior peso aos baixos índices de desfrute do rebanho brasileiro. A média do intervalo entre partos se situa em torno de 18 meses, e não é raro encontrarmos regiões em que este intervalo atinge dois anos. É fácil de entender que, se o intervalo entre partos é longo, o número de bezerros nascidos e desmamados é menor. No Brasil as pesquisas mostram que se desmama em torno de 45% de bezerros em relação ao número de vacas adultas, aptas a reprodução.

Alguns fatores, no caso a alimentação, saúde reprodutiva e manejo, são fundamentais para se reverter estes números. Para uma vaca dar cio, seja por monta natural ou inseminação, ficar gestante e dar cria, é necessário

O autor

Natural de Santa Rita do Sapucaí, MG, 50 anos, ex-presidente do Colégio Brasileiro de Reprodução Animal, Oswaldo de Souza Garcia é médico veterinário pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde obteve mestrado em reprodução animal. Nessa mesma área especializou-se pela Real Escola Veterinária da Suécia. Ex-professor da UFMG e da Universidade Federal de Uberlândia, Oswaldo Garcia é atualmente consultor técnico da Tortuga e da Pecplan e criador de gado de corte na Fazenda Riacho do Meio, 400 ha, Curvelo, MG.



O intervalo entre partos ideal nas raças leiteiras é de 12 meses

que uma série de órgãos esteja funcionando em perfeita harmonia. Parte do sistema nervoso (córtex cerebral, hipotálamo, hipófise) e os órgãos do sistema genital (ovários e útero) devem estar íntegros e interligados por substâncias que circulam do sangue, que são os hormônios.

A hipófise produz dois hormônios. Um é o FSH, que atua sobre os ovários estimulando seu funcionamento, determinando o crescimento do folículo ovárico e a maturação do ovócito. O outro é o LH, que induz a ovulação e a formação do corpo amarelo no ovário, sendo o responsável pela produção de outro hormônio, a progesterona, cuja função é a de manter a gestação. A hipófise funciona através de estímulos de um hormônio produzido no hipotálamo, o GnRH, que é o hormônio liberador do gonadotrófico ou gonadorelina. Por sua vez, o hipotálamo recebe estímulo da córtex cerebral através da substância denominada endorfina.

A descoberta do papel da endorfina no organismo é um fato bastante recente, e muitos pesquisadores no mundo todo ainda estão estudando seu mecanismo de ação dos animais domésticos.

Sabe-se que a endorfina é produzida no organismo de atletas submetidos a violento esforço físico, como por exemplo, o corredor de maratona. Sabe-se também, que vacas no pós-parto produzem quantidades maiores ou menores de endorfinas pela córtex cerebral, e estas endorfinas bloqueiam o funcionamento do hipotálamo. Daí o aparecimento de anestro ou falta de retorno ao cio pós-parto.

Uma vaca que somente retorna ao cio depois que desmama do bezerro, vai mostrar um intervalo entre partos longo e irá produzir menos bezerros durante sua vida reprodutiva.

Dissemos na introdução que a alimentação, saúde reprodutiva e manejo são fatores imprescindíveis para que se consiga altos índices

reprodutivos, diminuindo o intervalo entre partos. O intervalo ideal para vacas de corte a campo é de 14 meses e para vacas leiteiras 12 meses.

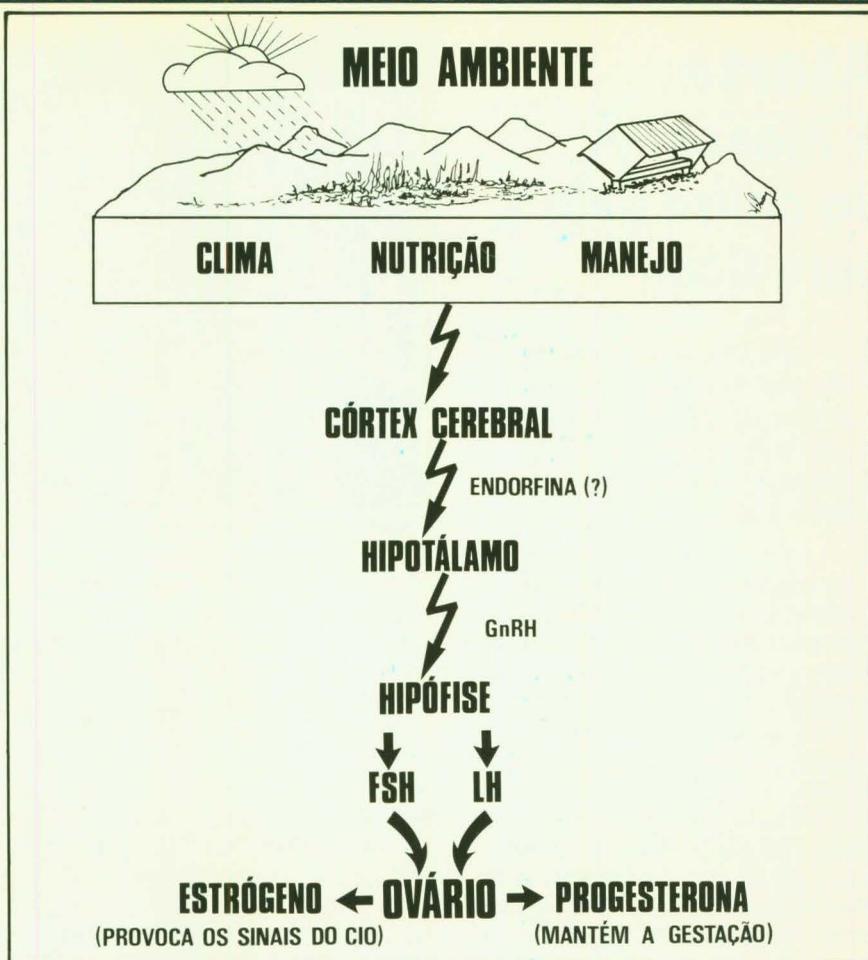
Para o retorno ao cio no pós-parto a fêmea tem que estar ganhando peso. A alimentação disponível tem que suprir as necessidades do animal em quantidade e qualidade. É indispensável ainda um sal mineral de boa qualidade. Infecções uterinas no pós-parto são outro fator importante no anestro.

Cerca de 15% das fêmeas zebuínas e 40% das fêmeas leiteiras mostram um grau maior ou menor de infecção puerperal. Estes processos inflamatórios retardam a volta do animal ao cio. Um programa de saúde reprodutiva é fundamental para se conseguir índices ótimos de reprodução. As técnicas de manejo, principalmente em raças de corte, são importantes para um bom resultado de produtividade.

Como foi salientado, ao se trabalhar o anestro pós-parto, o criador consegue melhorar significativamente sua produtividade. A relação custo-benefício deve ser levada em consideração. As causas do anestro, em última análise, inibem a hipófise na liberação do hormônio estimulante do folículo (FSH).

A administração do Profertil (GnRH), que acaba de ser lançado pela Tortuga, em vacas de corte com 45 a 60 dias pós-parto estimulou o retorno ao cio em mais de 70% das fêmeas, concentrando inclusive o aparecimento do cio nos primeiros catorze dias após o tratamento. Quando o tratamento foi associado ao manejo dos bezerras, isto é, interrupção da mamada após 36 e 48 horas, ou manejo de duas mamadas, a resposta foi excelente, fazendo com que 100% das vacas manifestassem cio até 30 dias após.

As vacas de primeira cria responderam ao tratamento com a mesma eficiência. Os resultados destas pesquisas mostram que o nosso pecuarista pode proporcionar sua estação de monta esperando ótimos resultados, sem ter a necessidade de aguardar o ano seguinte, após a desmama, ou mesmo ter que efetuar a desmama precoce, que prejudica o desenvolvi-



mento dos bezerras, para poder ter novamente a vaca em gestação.

Em vacas de leite a aplicação do GnRH é recomendado a partir de 15 dias após o parto. O estímulo do funcionamento do ovário nesta fase do puerpério é importante na involução do útero, de uma maneira natural, diminuindo sensivelmente o número de animais com infecções uterinas. O retorno dos ciclos estrais ocorre mais precocemente e estas vacas poderão ser cobertas ou inseminadas a partir de 60 dias de pós-parto.

A maior exigência da inseminação artificial é o horário de se realizar a inseminação, viabilizando a sobrevivência do espermatozóide e seu encontro com o ovócito para que aconteça a fecundação. O melhor horário para se efetuar a deposição do sêmen é o terço final do cio. Para que esta hora seja determinada é necessário que se conheça o início do cio. Em muitos programas de inseminação as condições de instalação e manejo não permitem uma perfeita identificação do início do cio. Nestes casos, o uso do

Profertil (GnRH) seis horas antes da inseminação ou mesmo simultaneamente à inseminação, melhora consideravelmente a taxa de concepção.

O GnRH promove a ovulação até 24 horas após sua aplicação. Vários experimentos foram desenvolvidos na sincronização da ovulação. Índices superiores em até 20% a mais de concepção foram encontrados quando as vacas, ao serem inseminadas, eram tratadas com GnRH.

O uso terapêutico do GnRH já é de muito tempo conhecido dos veterinários brasileiros. Por exemplo, trabalhos experimentais com o Profertil mostraram um resultado de cura de 96,3%, nos casos de cistos foliculares, sendo que 72,8% dos animais sararam com um só tratamento. A porcentagem de prenhez foi de 87%.

Já no caso da ovulação retardada (Repeat Breeder), vacas clinicamente normais, com ciclo estrais normais, mas repetindo três ou mais inseminações, tornam-se gestantes após o tratamento com o GnRH, através da sincronização da ovulação.

Alerta

A mosca do chifre veio para ficar

Mais uma praga está atacando os currais brasileiros: a mosca do chifre. Já que não se pode erradicá-la, o jeito é usar métodos de controle em épocas estratégicas.



As aplicações de mosquicidas devem ser feitas com o gado fechado

A mais recente praga da pecuária brasileira é a mosca do chifre, que tem a metade do tamanho da similar doméstica e voracidade mil vezes maior. Originária da Europa, ela foi parar nos Estados Unidos no fim do século passado, de onde emigrou para as Guianas e Venezuela somente em 1980. Nessa mesma época, sem muito alarde, a mosca do chifre foi transportada para os estados brasileiros da bacia amazônica, ficando aí quieta durante bons anos. Precisamente uma década.

Mas o inevitável tinha que acontecer e hoje praticamente só Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul ainda não foram atacados pela horn fly, como é chamada pelos americanos. Mas tudo é uma questão de tempo, a não ser que sejam criadas medidas radicais de vigilância sanitária. Até prova em contrário, a infestação foi provocada pelos caminhões de transporte de gado através das larvas depositadas nas fezes acumuladas em suas carrocerias.

Por enquanto está fora de cogitação o extermínio total da *Haematobia irritans*, nome científico da mosca de chifre. O negócio é conviver com ela, como acontece nos Estados Unidos, que até agora não descobriram um produto ou processo definitivo de erradicação. Mas nem por isso os criadores americanos deixam de combatê-la em mosquicidas disponíveis no mercado. O que não se pode é ficar de braços cruzados.

Com propriedade a mosca de chifre é chamada de *Haematobia irritans*. Realmente ela é irritante, tal é a perturbação que provoca nos animais, que fazem de tudo para verem-se livres da praga: não param de abanar o rabo,

contraem o corpo todo pelo desespero. Estão sempre agitados. Disso tudo advém os enormes prejuízos, conforme mostram estudos realizados por pesquisadores americanos e canadenses.

Eles observam que pequenas infestações de até 350 moscas por animal, são capazes de reduzir 20% do peso de um boi, podendo chegar até 45% no caso de infestações mais severas, significando uma perda de 10 a 22 kg do peso vivo. No caso do leite, a redução da produção oscila entre 30 a 40%, sempre por causa do nervosismo da vaca, que quase nem come nem dorme, havendo ainda interferência no cio e na transmissão de doenças.

A quantidade de mosca do chifre que pode atacar um animal varia bastante, ocorrendo casos e cinco a 10 mil indivíduos num só bovino, com espoliação de até 3 litros de sangue. Aliás, não apenas o boi é o seu alvo preferido, podendo ainda agredir búfalos, cavalos, ovelhas e cães. Ela aterrissa tanto nos animais de pele clara como escura, machos, fêmeas, adultos, crias, mas tem uma predileção especial para os lugares que não batem sol.

Tão gulosa como um morcego ou vampiro, a mosca do chifre passa dia e noite sugando suas vítimas, chegando a dar até quarenta picadas diárias. Apesar de viver no máximo dois meses, ela é capaz de expelir quatrocentos ovos em sua curta existência, geralmente depositados nas fezes frescas dos animais. As larvas eclodem depois de um dia e aos dez dias já atingem a idade madura, quando então a mosca do chifre começa a infestizar as criações. Os ovos e as larvas são muito sensíveis à dissecação, necessitando de 60 a 80% de umi-

dade e temperatura entre 26 e 30°C.

Já que a erradicação da mosca do chifre que, quando pousada sobre o animal, fica sempre com a cabeça voltada em direção ao solo e com as asas ligeiramente abertas, lembrando uma asa delta, é praticamente impossível, no momento, no Brasil, uma das principais medidas para seu controle é o emprego de drogas à base de piretróides, e fosforados, em pulverizações. Para maior economia dos produtos e eficiência dos resultados, a pulverização deve ser feita com o gado fechado no curral.

Uma medida complementar é o controle biológico, com a utilização de besouros coprófagos (comedores de fezes), muito comuns em nosso meio com o nome de "rola-bosta", mas tendo a inconveniência de serem lerdos e pouco prolíficos. Essa mesma linha biológica está sendo seguida pelo Ministério da Agricultura, que através da Embrapa, de Campo Grande, importou um besouro de origem africana (*onthophagus gazella*), capazes de revirar grandes massas de fezes e de se multiplicar com notável velocidade.

Todo cuidado com a mosca do chifre é pouco e por isso é bom atender as seguintes recomendações: tratar todos os animais em trânsito e pulverizar os veículos; tratar todos os animais no início da estação chuvosa; tratar todos os animais durante a época chuvosa, quando a infestação média for acima de 200 moscas/animale, finalmente, tratar todos os animais no fim da estação chuvosa ou em qualquer época em que as condições climáticas permitam o aparecimento das moscas.